

SUMIÇO DE ABELHAS EM AMBIENTE DE ABELHAS AFRICANIZADAS.

Eng. Agr. MSc. Aroni Sattler
Departamento de Fitossanidade
Faculdade de Agronomia - UFRGS
Av. Bento Gonçalves 7712. CEP. 91.540-000
PORTO ALEGRE/RS/BRASIL..
Tel: (51) 33087411; Fax:(51) 33086015.
E-mail: aronisattler@yahoo.com.br

RESUMO

A partir de 1989 iniciamos um programa de monitoramento da sanidade dos apiários do Rio Grande do Sul com o objetivo de localizarmos com a antecedência necessária possível focos de novas doenças nas nossas abelhas. Em 2001 constatamos pela primeira vez a presença de esporos da Cria Pútrida Americana (*Paenibacillus larvae* subsp. *larvae*) num estabelecimento apícola no Rio Grande do Sul, mais precisamente em mel e pólen importados, mel em favo de cria e em abelhas que estavam pilhando restos do entreposto, no entanto ao investigarmos apiários num raio de 10 km do estabelecimento não constatamos sintomas clínicos da doença. Ao comprovarmos a ocorrência do primeiro foco de Cria pútrida Americana no estado do Paraná com sintomas clínicos característicos em colméias a partir de agosto de 2006 o Ministério da Agricultura do Brasil comunicou oficialmente à OIE (Organização Internacional de Epizotias) sobre o episódio em 24 de novembro de 2006. Desta forma a apicultura brasileira começa a escrever uma nova página sobre a sanidade dos seus apiários, cujas conseqüências podem ser minimizadas, caso o monitoramento preventivo das doenças e as medidas de controle sejam adotadas com a agilidade necessária. No caso do foco de Cria Pútrida Americana no Paraná, apenas as medidas mais urgentes foram adotadas pelo Ministério da Agricultura para manter a credibilidade junto aos organismos internacionais, mas para defender os interesses diretos dos apicultores brasileiros, resta muito por ser feito. Este foco de Cria Pútrida Americana no Paraná, certamente é apenas o primeiro de vários outros que deverão surgir brevemente em outros estados brasileiros. Simultaneamente, vários relatos nos meios de comunicação internacional, nos dão conta de perdas expressivas de colméias no continente americano e europeu, cujas causas ainda não foram totalmente elucidadas. No inverno e primavera de 2006 e novamente em 2008, especialmente no Rio Grande do Sul, as perdas de colméias foi de aproximadamente 40%, mas não se pode atribuir a esta mortandade as mesmas causas da CCD. No nosso caso ficou evidente que o inverno prolongado e muito frio aliado com uma primavera chuvosa e irregular causou uma desnutrição acentuada nas colméias, tornando-as ainda mais sensíveis ao nível alto de *nosemose* e *varroase*. Aliado a fome que afeta também o sistema imunológica das abelhas, vários casos foram relatados, nos quais o histórico regional e local comprova a presença dos agrotóxicos de forma aguda.

No caso do serviço de polinização, especialmente nos pomares de macieiras no Rio Grande do Sul em 2008, verificamos o péssimo estado nutricional das colméias em função do manejo deficiente por parte do apicultor aliado ao clima desfavorável no outono e inverno. Além disso, verificamos que o uso de agrotóxicos foi permanente em função do clima. A utilização de vários princípios ativos aparentemente inócuos às abelhas, mas por serem lipossolúveis, portanto, capazes de se armazenarem na cera dos favos, nos colocam frente a uma nova situação de risco para os polinizadores.

Em agosto de 2009 visitamos apiários nos municípios de Palmeira, Bocaina do Sul, São Joaquim e Bom Retiro na região do planalto de Santa Catarina. Constatamos perdas que em alguns apiários chegaram a 80% das colméias com um quadro sintomatológico semelhante ao encontrado no ano anterior no Rio Grande do Sul, mas com níveis superiores de *nosemose* (50%) e *varroase* (30%). No mês de setembro de 2009 visitamos apiários em Içara no litoral catarinense, encontrando um quadro semelhante ao anterior, onde uma família de apicultores que trabalhava com 4000 colmeias, havia perdido 25% deste total. Novamente, nestes apiários

também encontramos níveis altos de nosemose e varroase. Considerando que os apiários desta família haviam permanecido nos bosques de eucalipto do litoral durante o outono e parte do inverno, pode-se concluir que parte do problema está relacionado com a dieta protéica desequilibrada em sua composição de aminoácidos.

Em outubro de 2009, a convite do Sebrae/ES visitamos apiários nos municípios de Domingos Martins e de Aracruz. Nos apiários investigados constatamos a ocorrência de varroase com níveis que variaram 2 a 20% de operárias parasitadas e também encontramos o ácaro varroa na forma jovem e de adulto sobre cria operculada. Da mesma forma, nestes apiários constatamos a ocorrência de nosemose em 28% das colméias.

Considerando o monitoramento de apiários que conduzimos nos 3 últimos anos, ficamos em dúvida se a nossa abelha africanizada ainda apresenta o mesmo grau de resistência às doenças e a mesma capacidade de enxameação e repovoamento de apiários que se verificava anteriormente e até que ponto este fenômeno de despovoamento de colméias é apenas um evento cíclico de curta duração.